

M 286

M 668

folha 4.10.61

RN41

em 5.11.54

Lembrança de Matisse

É ALEGRE a velhice dos pintores. A mais bela entrevista de minha vida de repórter foi a que não fiz com Henri Matisse.

Clóvis Graciano, que morava em um hotelzinho de Montparnasse (isso foi em 1950), viu, num terraço do bulevar, que o calor de agosto esvaziara, um velhinho de curtas barbas brancas a tomar um chope. Quando o velhinho pagou e atravessou a rua, ele perguntou ao garção quem era, e ouviu esta resposta:

— C'est monsieur Henri Matisse, artiste peintre. E o garção indicou o número do prédio de Matisse. Dias depois, numa tardinha, eu e Clóvis fomos bater à porta do mestre. Uma empregada nos atendeu, e disse que ele estava ouvindo rádio e cochilando no sofá. Olhei do outro lado do biombo que protegia a entrada: Matisse dormia. Disse à empregada que voltaríamos outra hora; não queríamos perturbá-lo. Ela insistiu em que não, não fazia mal, ele dormia e acordava com facilidade. Saímos, quase fugidos: achei injusto tirar de seu sossego um artista de 81 anos, para dar uma entrevista a um vago repórter sul-americano.

Logo depois, em setembro, houve uma exposição de Matisse, na «Maison de la Pensée Française». Um de seus últimos trabalhos era uma figura de mulher feita com recortes de papel de várias cores, com, talvez, três metros de altura. Aquilo acabava de sair das mãos trêmulas de um octogenário — e irradiava alegria, vida, sensualidade, ímpeto juvenil.

DN - 29.11.67

~~RN41~~

401